

A memória narrativa de mulheres contadoras de histórias

The narrative memory of women story tellers

Adrine Motley Santana

SEDUC

Belém/PA-Brasil

Resumo

Este artigo é parte integrante da minha dissertação de mestrado intitulada “Memória e narrativa na voz de contadoras Itinerantes e Griots” (2015). Neste texto, apresento apenas a pesquisa feita com as mulheres que contam histórias no grupo Griot da Universidade do Estado do Pará. Mulheres essas que falam sobre suas memórias de infância e de vivência no grupo. Destaco a figura da mulher como contadora de histórias, categoria na qual estou incluída, dando ênfase à importância do narrar como elemento constituinte da vida humana. Tendo como base teórica para esta escrita estudos das Poéticas da Oralidade (ZUMTHOR, 1997), a categoria narradora (BENJAMIN, 2012) e a arte de contar histórias (PRIETO, 1999), dentre outros. Assim, o artigo segue a um modo de relato em que conto parte da pesquisa realizada e o encantamento com a palavra poética.

Palavras chave: Mulheres; Contadoras de história; Grupo Griot.

Abstract

This article is part of my master's thesis entitled “Memory and narrative in the voice of itinerant storytellers and Griots”. In this text I present only the research carried out with women who tell stories in the Griot group at the Universidade do Estado do Pará. These women talk about their childhood memories and experience in the group. I highlight the figure of the woman as a storyteller, a category in which I am included, emphasizing the importance of narrating as a constituent element of human life. As theoretical basis for this writing I chose studies of the Poetics of Orality (ZUMTHOR, 1997), the narrator category (BENJAMIN, 2012) and the art of storytelling (PRIETO, 1999), among others. Thus, the article follows a way of reporting in which I tell part of the research carried out and the enchantment with the poetic word.

Keywords: Women; Storytellers; Griot Group.

Introdução

Há um tempo, não tão distante, por volta do ano de 2000, comecei a fazer parte do Grupo de contadores de Histórias da Universidade do Estado do Pará - GRIOT e, isso levou meu olhar acadêmico para uma área sobre a qual não tinha conhecimento algum. Viver intensamente a vida de contadora de histórias me fez querer mais, como disse Fernando Pessoa (2002, p. 48): “quem quer passar além do Bojador, tem que passar além da dor!”.

Mergulhei em leituras, fiz cursos, ministrei oficinas e com o tempo pude perceber que o trabalho sobre contadores de histórias faz-se importante na perspectiva do movimento da história “vista de baixo”, considerando a história de pessoas comuns a respeito do seu próprio passado, uma vez que, nos últimos trinta anos, os pesquisadores depararam-se com histórias notáveis de personagens e temáticas que, anteriormente, não eram vistos nas histórias, como a infância, a morte, a loucura, o corpo, as mulheres (BURKE, 2011).

Pensei, então, no que estudar sobre a arte de contar história. Dessa forma, nasceu a ideia de estudar as mulheres que não nasceram contadoras de histórias, mas se tornaram a partir de formações continuadas, cursos e vivências compartilhadas.

Recorri mais uma vez à memória, para lembrar que, na época em que comecei a contar histórias, poucas pessoas eram conhecidas por realizarem um trabalho com essa arte. Lembro-me de Alcir Castro, Andrea Cozzi e Ana Cristina, Maiolina Neves, Vandiléia Foro, Janete Borges, alguns integrantes dos Contadores Itinerantes, grupo coordenado pela professora Dra. Renilda Bastos e outros integrantes do Griot. Precisava de um ponto em comum entre esses contadores. Como gostaria de estudar mulheres, e dentre as pessoas citadas a maior parte eram mulheres, resolvi nesta pesquisa escolher mulheres que contam histórias, mas quais mulheres?

Então, lembrei-me dos Contadores Itinerantes que, no ano de 2001, no projeto Imaginário nas Formas Narrativas Orais da Amazônia Paraense (IFNOPAP/UFPA), realizaram uma apresentação juntamente com o Grupo Griot/UEPA. Enfim, os fios se cruzaram! O projeto de extensão Contadores Itinerantes, pensado e escrito pela professora Dra. Socorro Simões nos anos 1990, foi coordenado pela professora Dra. Renilda Bastos. O grupo GRIOT foi criado em 1999, na UEPA, pela professora Renilda e, atualmente, é também Grupo de Pesquisa do Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias da Amazônia – CUMA/UEPA.

Desse modo, seria interessante estudar as mulheres do GRIOT e dos Contadores Itinerantes. Entretanto, para este artigo, escolhi me deter a abordar apenas um dos grupos envolvidos: o GRIOT. Mas o que dessas mulheres poderia ser pesquisado?

Surgiu, então, a ideia de estudar a performance das contadoras de histórias que é algo amplo e com muitas possibilidades de estudo. A problemática em torno do assunto foi: o conhecimento que elas vivenciaram nos projetos dos quais participaram influencia suas performances hoje?

O ato tradicional do narrar converte-se em performance artística, ressaltando-se nesse campo os estudos de Zumthor (2010), que define o termo performance e que passa, necessariamente, pela presença viva da voz humana e apresenta-se como o principal fator constitutivo da natureza da forma poética oral. Nesse sentido, a percepção plena do poético passa pelo corpo e a realização da performance ocorre em um discurso circunstancial, ou seja, o campo de abrangência é vasto e nele podem ser incluídas o público, a pessoa que o transmite, o espaço, o tempo, o objetivo, mesmo que a curto prazo.

Problema definido! Agora o segundo passo seria a metodologia a ser desenvolvida. Precisava entrevistar as contadoras e, a partir disso, coletar dados, juntamente com fotos da época, que me possibilitassem aprofundar o objeto de estudo. Conheci a leitura da metodologia da história oral e assim pude constatar a referência e a relevância para esta pesquisa:

A história oral é um procedimento integrado a uma metodologia que privilegia a realização de entrevistas e depoimentos com pessoas que participaram de processos históricos ou testemunharam acontecimentos no âmbito da vida privada ou coletiva. Objetiva a construção de fontes ou documentos que subsidiam pesquisas e/ou formam acervos de centros de documentação e de pesquisa. Não é a História em si mesma, mas um dos possíveis registros sobre o que passou e sobre o que ficou como herança ou como memória. (DELGADO, 2010, p. 18)

Essa metodologia está inserida entre um dos procedimentos do método qualitativo e apresenta a característica de não generalizar as experiências humanas. Esse aspecto se ajusta aos objetivos a que me propus alcançar, bem como à proposta de trabalhar com a memória de um tempo passado, a partir das vozes individuais que formam uma colcha da história coletiva de um grupo.

Esse procedimento metodológico é fundamental por permitir o registro dessas vozes como documento para outros pesquisadores ou a quem interessar esse assunto. Isso evita o esquecimento e a perda de identidades presentes no chamado mundo pós-moderno.

De acordo com Delgado (2010), existem dois tipos de entrevistas que produzem fontes orais, a saber: depoimentos de história de vida e entrevistas temáticas. No caso

desta pesquisa, realizei entrevistas temáticas por se referirem a uma experiência vivenciada em um processo específico, de 2000 a 2005, quando os sujeitos/entrevistados fizeram parte dos grupos citados.

São entrevistas que se referem a experiências ou processos específicos vividos ou testemunhados pelos entrevistados. As entrevistas temáticas podem, por exemplo, constituir-se em desdobramentos dos depoimentos de história de vida, ou compor um elenco específico vinculado a um projeto de pesquisa, a uma dissertação de mestrado ou a uma tese de doutoramento. (DELGADO, 2010, p. 22)

Nesse caso, a história oral foi utilizada como metodologia para a dissertação de mestrado a que, primeiramente, intitulei de “A performance das contadoras de histórias de formação superior”. O próximo passo era escrever um roteiro com algumas perguntas, porém, não queria que fosse um questionário, mas sim questões norteadoras ou motivadoras de fala. As narradoras precisariam se sentir à vontade para falar desse momento que eu acreditava ser prazeroso e especial em suas vidas.

Durante as entrevistas semiestruturadas, em que há liberdade para o entrevistado falar e relembrar fatos, as narradoras lembraram muitos momentos e inclusive muitas histórias, as quais eu não queria deixar para outro momento, por isso solicitei que me contassem, naquele exato momento, para registro na memória e no documento auditivo. Foi muito gratificante ouvir suas narrativas, perceber suas performances, o gesto de cada passagem. Saía muito mais rica de cada uma das entrevistas. Tinha a nítida sensação de que havia herdado uma herança cultural de grande valor, não só para mim, mas para quem se disponibilizar a conhecer este trabalho de pesquisa.

Após a coleta das entrevistas, essas foram gravadas no computador, repassadas a um CD, com todas as vozes presentes, uma vez que todas as entrevistadas, por motivação pessoal, assinaram um termo de cessão de direitos de suas vozes e imagens.

Em seguida, foram feitas as transcrições literais de cada entrevista. Tarefa árdua, já que se gasta mais que o dobro do tempo de cada gravação. Fiquei assustada quando em quatro minutos de fala, já havia escrito duas páginas. Algumas entrevistas renderam de 15 a 16 páginas de narrativas e, por isso, nos apêndices do trabalho montei um banco de dados com trechos das entrevistas.

O processo de análise também foi complexo, uma vez que foram muitas temáticas sugeridas que extrapolavam as questões norteadoras. Selecionar as categorias que seriam aprofundadas foi um trabalho rigoroso de leitura de horas e horas de todas as transcrições, concomitante com a audição da gravação.

Então, vamos conhecer melhor as participantes desta pesquisa.

As narradoras: sujeitos da pesquisa

O termo *narrador* foi escolhido para representar as mulheres que participaram das entrevistas semiestruturadas e narraram as experiências que viveram ao longo desses anos, principalmente, como contadora de histórias. Acredito que esse termo melhor se adequa com o trabalho em questão, cujo tema é sobre a arte de contar histórias. Fato que se configura no momento da pesquisa, as mulheres tornaram-se contadoras de suas próprias histórias. Encontrei esse termo também presente na tese de doutorado de Renilda Rodrigues Bastos, que preferiu utilizar o termo “narradores” a “informantes”:

As pessoas que vivem com o Antropólogo em campo vivem situações nas quais dividem com o pesquisador muito mais que informações. Acredito que narrador abarque mais o que as pessoas nos contam: suas histórias, as experiências de vida, andam com a gente nos espaços, nos contam o passado interpretando o presente pelas vias da memória, dos esquecimentos e de seus silêncios. (BASTOS, 2010, p.71)

Escrevo do lugar das Poéticas Orais, mas a ideia citada acima corrobora com aquilo que acredito para meu estudo. Após as transcrições feitas, percebi que tinha em mãos um livro de narrativas pela memória das contadoras de histórias ouvidas. Narravam sobre suas infâncias, sobre seus trabalhos, lembravam narrativas ouvidas de pais, parentes e pessoas familiares convividas no período da infância, adolescência e fase adulta. Contavam-me com brilhos nos olhos e sorrisos largos o que agora era matéria viva em suas vidas: a poesia.

Relembro Walter Benjamin (2012, p. 214) no ensaio “O Narrador” quando diz “a experiência que passa de boca em boca é a fonte a que recorreram todos os narradores”.

Comecei a entrevista pelas mulheres do grupo Griot, com as quais eu tinha mais afinidade, uma vez que também faço parte dessa história. No ano de 2014, conversei com Dia Favacho, Alessandra Dias, Ana Claudia Moscoso, Simone Salgado, mas encontrei dificuldade em entrevistar mais uma integrante devido ao seu tempo de trabalho intenso e, por fim, Renilda Bastos, a coordenadora dos grupos.

O relato apresenta-se com o nome das narradoras por opção pessoal. Elas queriam identificar-se e, por isso, preparei um termo de cessão, no qual elas autorizam a divulgação de suas vozes e de imagens para este trabalho, mxdddssas que também poderão ser aproveitadas em outro momento.

Com relação aos locais realizados para as entrevistas, algumas foram feitas nos locais de trabalho das entrevistadas, outras receberam-me em suas casas e outras, gentilmente, vieram até minha casa para me contar um pouco de suas trajetórias de vida. Como alguns dados ficaram confusos, precisei entrevistar as idealizadoras do projeto, Socorro Simões e Renilda Bastos.

Essas narrativas se fazem interessantes porque registram o trabalho com o fenômeno da voz. Adentrar em um universo de um contador de histórias é voar por terras misteriosas, carregar uma herança de saberes acumulados de geração em geração.

Um passeio pela história dos contadores de histórias

As palavras possuem uma estranha potência², como nos lembra Cecília Meireles (2002). Ora nos dão liberdade, ora nos aprisionam. O poder das palavras é incomparável. A princesa Sherazade tornou-se um exemplo disso quando curou o coração dilacerado do Sultão Chariar em mil e uma noites, em que as palavras lhe deram a liberdade e livraram-na da morte. Desse modo, por possuir habilidade com as narrativas, é descrita da seguinte forma:

Possuía coragem acima de seu sexo, muitíssimo espírito e admirável inteligência. Muito culta, era dona de memória prodigiosa que nada lhe escapava de tudo quanto havia lido. Aplicara-se com afinco ao estudo da filosofia, da medicina, da história e das artes, e compunha versos mais lindos que os dos poetas mais famosos do seu tempo. Além disto, tinha uma beleza extraordinária. E uma virtude solidíssima coroava tantas lindas qualidades. (GALLAND, 2001, p. 38)

Nessa pequena descrição, a respeito das características de Sherazade, percebe-se a grande afeição que ela possuía pela palavra, pois creditava, a ela, a salvação das mulheres de sua Pátria. Além do que, bordando palavra por palavra, noite após noite, conseguiu costurar os fios esgarçados do coração dilacerado de Chariar. As qualidades descritas estão muito relacionadas às palavras: inteligente, estudiosa, leitora, poeta e tinha a faculdade de escrever na memória tudo o que havia lido, faculdade essa característica de um contador de histórias. Munida com a arte de contar histórias, no momento da narrativa, fez uso da técnica do suspense que, até hoje, é utilizada por vários segmentos artísticos, inclusive nas telenovelas e muitos contadores de histórias a consideram como elemento primordial no momento da performance.

Para um contador de histórias, as palavras são a matéria prima de seu trabalho. Prosseguir com a tradição dos ensinamentos, continuar a narrar os acontecimentos e repassá-los de geração a geração é o que o constitui e, assim, o faz com espontaneidade e naturalidade de quem já é parte da história.

No livro “Quer ouvir uma história?”, Heloisa Prieto (1999) provoca uma reflexão sobre o papel das lendas e narrativas na vida moderna e o quanto elas ainda estão presentes em pleno século XXI. Por possuírem múltiplos significados, as histórias são interpretadas sob diversos olhares, conforme a maturidade do ouvinte. A autora tem

² Verso do poema “Romanceiro da Inconfidência Romance LIII ou Das palavras aéreas”.

grande afeição pela metáfora “mar de histórias” por acreditar que ora navega-se por águas tranquilas, ora por verdadeiros maremotos e por que não dizer por uma pororoca³ de histórias? Desse modo, resalto as palavras de Heloisa Prieto (1999) quando procura na tradição oral africana a importância das narrativas orais na modernidade

Segundo a tradição oral africana, a palavra contém o hálito, elemento vital, que desaparece dela quando escrita. Ao contrário de nosso ponto de vista, que tende a considerar válido apenas o que é documentado por escrito, certos conhecimentos milenares só podem ser transmitidos em uma troca interpessoal, para que haja a força da troca vital entre duas ou mais pessoas. (PRIETO, 1999, p. 38)

Dessa maneira, o hálito vital das narrativas está presente no contador de histórias. Mesmo com a chegada da pós-modernidade, ainda pode ser encontrado em locais do interior de algumas capitais. No relato de Dia Favacho, a figura do contador de histórias foi fundamental para a fase da infância, em Baião, interior do Pará, como se verifica nos trechos a seguir:

[...] eu inicio me formar contadora de histórias porque eu já gostava de contar e de ouvir histórias, porque tive uma prática na infância. Morei no interior, então a gente tinha essa possibilidade, né. Nós muitas vezes não tínhamos luz à noite, então, ouvi muita história dos meus pais e ouvia histórias também de um senhor que era zelador da prefeitura e que gostava muito de contar histórias e reunia uma molecada, toda molecada do bairro, ali, pra ouvir esse senhor, que foi muito importante na minha infância como contador de histórias. É um contador assim que eu referendo porque nós passávamos horas e horas ali ouvindo e sem cansar e aquilo me nutria e fazia com que eu tivesse vontade também de contar histórias. Então, quando nós não tínhamos a presença dele nós nos reuníamos só a molecada e um contava para o outro, também, não do jeito que ele contava, mas a gente sentia esse desejo, essa necessidade de fazer como ele (FAVACHO, 2014).

Nesse contexto, o ouvir histórias a incentivou a contar histórias, não somente ela em especial, mas parecia um movimento efervescente nas crianças ouvintes desse contador.

O momento propício para que a arte de contar histórias se manifestasse era a noite. Em alguns relatos encontrei um fato em comum: a falta da energia elétrica para que as histórias ganhassem vida na voz de um contador. Pessoa próxima que se faz presente, em alguém com laço afetivo, como os pais, ou alguém mais velho, como o zelador da prefeitura. O fato é que as narradoras, hoje, contadoras de histórias, tiveram influências significativas por aqueles que a elas se ligaram nas teias das narrativas. As histórias

³ Termo utilizado por paraenses que sugere o fenômeno da pororoca que é um fenômeno natural produzido pelo encontro das correntes fluviais com as águas oceânicas. No Pará acontece no Rio Capim e no Rio Moju.

fortemente marcadas por peculiaridades da região desse contador, como a Cobra Grande, em Breves, que fica nas proximidades do rio Parauahú, irão permanecer nos corpos e memória dos ouvintes.

Sendo assim, o contador de histórias passa a ser o responsável pela troca generosa dos ensinamentos, que, em um dos trechos destacados, a entrevistada relata que a mãe repassava a experiência de vida. De acordo com Walter Benjamin (2012), essa experiência repassada como conselho era denominada sabedoria, o lado épico da verdade.

Portanto, por possuir uma linguagem calorosa e simples, carrega a chave capaz de abrir o coração de uma criança e a porta de sonhos de um adulto.

O eco da poesia na voz

Contar uma parcela de minha trajetória pessoal na arte de contar histórias é um grande reencontro com o ser poético que habita em mim. Sinto-me grata em partilhar momentos de grande emoção, mas acima de tudo de descoberta do que atualmente é o significado dessa arte em minha vida.

Neste estudo, apresentei algumas fases que vivi ao longo da pesquisa do qual retiro este artigo, assim, em cada uma delas, percebi que a tradição oral precisa se manter presente em diversos ambientes que estejam de portas abertas para a escuta dessa voz. Além do que, as narrativas se tornam vivas no corpo e na voz de um contador de histórias, o que estimula a *movência* da tradição.

Nos grupos de que tive a honra de participar e na convivência com diversos contadores de histórias, obtive grandes aprendizados, reflexões ímpares que me constituíram na contadora de histórias que hoje atua. Nesse contexto, eu vi nascer e crescer um desejo: o de partilhar a palavra poética a todos que querem ouvi-la.

Por fim, posso afirmar que, a cada vez que conto uma história, seja na escola onde trabalho, seja para minha filha todas as noites antes de dormir, eu entrego o momento para a grande ciranda da vida. Dessa maneira, conecto-me com o que há de sagrado em cada narrativa. Por meio dessa voz, sinto-me conectada à Humanidade, desde tempos imemoriais.

Sendo assim, vamos ouvir e contar histórias, a fim de mantermos sempre nutrida a sensibilidade e o imaginário.

Portanto, *entrou por uma porta e saiu pela outra quem quiser que conte outra!*⁴

⁴ Ditado popular adotado pelo grupo Griot após o término de cada apresentação.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Mônica. Mensagem de Fevereiro: Contador de Histórias. **No caminho da cura**. Blog. São Paulo, 4 fev. 2015. Disponível em: <<http://nocaminhodacura.blogspot.com.br/2015/02/mensagem-de-fevereiro-contador-de.html>>. Acesso em: 23 fev. 2015.

BENJAMIM, Walter. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BASTOS, Renilda do Rosário Moreira Rodrigues. **“As Três Margens Do Rio”: travessias, memórias e histórias do bairro alto de Curuçá-PA**. 2010. 210 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

BASTOS, Renilda do Rosário Moreira Rodrigues. **Contadores de histórias: contando histórias para formar leitores**. Projeto de Extensão. Belém: UEPA, 2002.

GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços**. 5ª Ed. Porto Alegre: L&PM, 1997.

MACHADO, Ana Maria. **Texturas: Sobre Leituras e Escritos. Rio de Janeiro**. Nova Fronteira, 2001.

MUNDURUKU, Daniel. **O Banquete dos Deuses: Conversa Sobre a Origem da Cultura Brasileira**. São Paulo: Angra, 2000.

PRIETO, Heloisa. **Quer Ouvir uma História? – Lendas e Mitos no Mundo da Criança**. São Paulo: Angra, 1999.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira. Editora Hucitec. São Paulo: 1997.

SOBRE A AUTORA

Adrine Motley Santana Mestre em Estudos Literários pela UFPA (2015). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará (2002) e graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Pará (2010). Especialista em Literatura e suas Interfaces pela UEPA (2004). Membro do grupo de pesquisa Contadores de Histórias, do Núcleo de Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA) da Universidade do Estado do Pará. Atua como professora e contadora de histórias. E-mail: adrinemotley@yahoo.com.br